



COEB 2018

VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Docência na sociedade multitelas

Dias 05 e 06 de fevereiro

Realização



Mesa redonda

Docências e desafios curriculares na Educação Básica

Julia Siqueira da Rocha
jsiqueiradarocha@gmail.com

DOCENTES BRASILEIROS: OS DESAFIOS DE FORMAR HUMANOS E AS DISPUTAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE RETROCESSO

Julia Siqueira da Rocha
jsiqueiradarocha@gmail.com

O currículo como um catalisador do que ensinar.

Entendo que a ideia de currículo como catalisador do que ensinar é apenas uma das questões fundantes do pensar currículo, lembro de Karel Kosic (1976) quando nos ensina que o óbvio deve ser dito e por isso não deixo de fora a ideia precípua de que **currículo remete à seleção de saberes considerados válidos num determinado tempo e contexto histórico.**

Quais as complexidades de pensar e selecionar o que ensinar dentro da revolução tecnológica e comunicacional que altera as formas de conhecer, de conviver, de se relacionar, de aprender e de ensinar?

Ainda na linha do *dizendo o Óbvio*

- as informações se proliferaram
- as leituras são dinâmicas e aligeiradas
- a manchete parece conter todo o conteúdo
- as verdades estão prontas para serem consumidas sem grandes questionamentos
- por meio do uso das novas tecnologias comunicacionais formam-se rapidamente elos para expandir ideias, dando voz e vez a quem até há bem pouco tempo, ficava restrito ao seu entorno

Porém,

- apenas o uso das tecnologias não garante a igualdade no acesso aos saberes. Ou seja, há uma polifonia que complexifica e relativiza a validade dos saberes.

Se dizer o óbvio é importante, talvez seja necessário pensar para além dele e alguns autores têm feito isto buscando responder o desafio colocado para esta mesa: **qual o papel dos docentes frente ao currículo?**

Na teoria crítica, com as contribuições de Giroux (1983, 1997) e Apple (1989) vamos ver que os **professores** são compreendidos como **intelectuais transformadores** que podem tornar “**o pedagógico mais político e o político mais pedagógico**” (GIROUX, 1997, p.163), que é necessário ver a **escola**, os **professores** e as **professoras**, os **alunos** e as **alunas**, o **conhecimento** e o **currículo** como partes de uma **pedagogia de possibilidades** por meio da qual **se pode exercer poder**.

Pelo currículo, os docentes exercem poderes,
pelo currículo os docentes organizam
possibilidades transformadoras.

A primeira possibilidade que desafia os
docentes é a ideia de **escola para todos**.

**Quem são os todos que cabem
na sua sala de aula?**

Quem são os todos da sua escola?

O currículo é o resultado de forças distintas, ou seja, há um envolvimento de conflitos, acordos, alianças e rupturas de movimentos e grupos sociais determinados.

Quem são os todos que cabem na sua sala de aula?

Quem são os todos da sua escola?

Podemos comemorar os avanços da educação inclusiva que possibilitou o acesso às pessoas com necessidades especiais, aos índios, aos quilombolas e às pessoas de diversos gêneros nas escolas regulares de Educação Básica.

PENSANDO EM ACESSO E SUCESSO ESCOLAR NO BRASIL

2 milhões de jovens de 15 a 17 anos, idade própria para o Ensino Médio, estão retidos no Ensino Fundamental e 1,7 milhões de jovens na mesma idade estão fora da escola.

A MAIOR VIOLÊNCIA QUE PODE ACONTECER NA ESCOLA É ESTAR NELA E NÃO APRENDER

A desigualdade abissal que vivemos no Brasil não poderá ser superada ou, ao menos, minimizada, se nossas crianças e jovens não acessarem a escola e se em suas trajetórias não estiver o sucesso escolar.

O **currículo** organiza os objetivos e o controle do conhecimento.

São perguntas importantes que todos os bons teóricos do currículo fazem:

a quem pertence os conhecimentos considerados legítimos de se ensinar na escola?

E

o quanto a relação entre saber e poder se expressa em desigualdades ou igualdades sociais?

Assim, precisamos poder responder:
*quais são as expectativas de aprendizagem
que temos para as pessoas com deficiência?*



Quadrados vazados com imagens dos símbolos da
deficiência
<https://www.gadimbrasil.org/copia-guia-para-imprensa-1>

*Quais são as expectativas de aprendizagem que temos
para AS PESSOAS NEGRAS?*



Realização

Quais são as expectativas de aprendizagem que temos para AS PESSOAS Quilombolas?



Foto: Antônio Carlos Gemada
<http://seculodiario.com.br/24940/17/exposicao-sobre-congo-e-comunidades-quilombolas-e-reflexo-do-trabalho-desenvolvido-pelo-ijprograma-entre-comunidadesij>

Quais são as expectativas de aprendizagem que temos para a diversidade de Gênero?



Quais são as expectativas de aprendizagem que temos para as crianças pobres?





<https://share.america.gov/pt-br/matematica-e-ciencia-nao-tem-genero/>

Então, se o primeiro desafio curricular é selecionar os saberes que são importantes, temos que ter claro nosso projeto de mundo.

Se o projeto de mundo é **inclusivo e transformador**, evidencia-se o compromisso bem marcado com todos e com todas de verdade. Não apenas no acesso, mas em especial na potência para o aprender, na expectativa de que é possível ensinar bem, na certeza de que ler, escrever, compreender, produzir sínteses, generalizações, classificar, interpretar, criticar, argumentar é empoderar pessoas.

Empoderar as pessoas no presente lhes permite participar e influir no mundo com a idade que têm, lhes permite compreender seu lugar social e econômico e lhes instrumentaliza para transformar realidades não apenas no plano individual, mas em especial no plano coletivo/cidadão.

A **educação escolar**, não é como querem alguns, uma mera transmissão de conteúdos de química, de história, de arte. A educação escolar **é um imprescindível espaço de formação humana em sua multidimensionalidade.**

A educação é como nos ensinou Hanah Arendt, a escolha entre amar e ajudar as novas gerações a empreenderem o novo ou abandoná-la à própria sorte num mundo em que a sorte é rara.

A **docência** portanto, não é uma atividade que visa desenvolver exclusivamente a cognição, ainda que os processos de ensino e aprendizagem desenvolvam as funções psicológicas superiores e por certo desenvolva a cognição, isto não se dá em separado das demais dimensões da totalidade humana. Crianças, adolescentes e adultos, sejam profissionais ou estudantes, vão para a escola com sua inteireza, seus corpos, seu gênero, suas emoções, seus valores, suas crenças, seus saberes, seus hábitos de origem.

Olhando o Brasil atual, sua condição política e as disputas no campo da educação, podemos reconhecer importantes retrocessos. Então, se como disse no início desta fala, é imprescindível pensarmos nos avanços de acesso assegurados inclusive por lei a segmentos de diversidade, é também imprescindível estar atento ao ataque frontal à educação laica, gratuita e de qualidade para todos.

Fomos alertados por diversos pensadores que os direitos conquistados não se tornam permanentes, que **os direitos conquistados necessitam ser cuidados, revitalizados e expandidos.**

O que se vê no Brasil de hoje é a retirada, num curtíssimo espaço de tempo, de uma agenda que perspectivava um país mais inclusivo, uma agenda reparatória para um país que se forjou via violências, escravidão e muita falta de educação. E aqui vou sublinhar a **falta de acesso e sucesso na educação escolar** como a **estratégia mais importante da manutenção da desigualdade social**.

Um braço importante desta estratégia atualmente, é o ataque que vem sofrendo a categoria de **profissionais do magistério**. O desrespeito completo aos professores e as professoras numa violência que ultrapassa os tempos de ditadura militar, porque agora ela vem também de distintos setores, além do governo, ela é polimorfa.

O conjunto mais visível desta violência vem pelo Movimento Escola sem Partido que obteve uma vitória estrondosa ao retirar dos Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação o termo *gênero*; *que* produz em cada câmara de vereadores, em cada assembleia legislativa, projetos de lei que visam impedir os professores e as professoras de serem professores; que junto com os fundamentalistas religiosos produzem pânico social ao difundirem a idéia de que vamos destruir a família, que vamos cometer abusos éticos, simbólicos, psicológicos quanto à identidade sexual das crianças e adolescentes, que vamos lavar os cérebros e tornar os estudantes em seres alienados panfletários.

Isto é o que tem sido dito em alto em bom som de nós professores.

É impressionante que uma categoria profissional receba os ataques públicos que os professores têm recebido e se cale, que não haja defesa nem sindical, nem governamental e nem pelos órgãos do judiciário. Penso que não há precedente histórico de qualquer categoria profissional que tenha vivido isso que estamos vivendo no país. Para deixar registrado um dos tantos fatos, indico que assistam ao vídeo da Audiência Pública que o Conselho Nacional de Educação fez aqui em Florianópolis no dia 11 de agosto de 2017.

Ainda no conjunto das **violências contra os docentes e o currículo escolar brasileiro**, vamos encontrar setores que produzem métodos e materiais pedagógicos objetivando padronizar os processos de ensino, mecanizando e tentando reduzir o fazer docente a um conjunto de procedimentos criados em laboratórios, numa relação absolutamente funcionalista.

No rastro deste grupo, observa-se também o ressuscitar da pedagogia do pseudoafeto em detrimento da ciência, da filosofia e da arte em prol da cidadania.

Separam o humano em dois vetores: o cognitivo, que já conversamos; e agora, com o auxílio de uma psicologia pobre, querem que os professores treinem as crianças e adolescentes para o conviver, isso apartado das aulas regulares, do trabalho real realizado pelos docentes. Para tal, adicionam disciplinas e até anunciam “métodos revolucionários” como a pesquisa. Parece cômico, mas é trágico. Isto é a deformação da docência travestida de formação profissional. Isto é a total ausência da profissionalização. Isto é a **banalização da pedagogia**.

Volto ao título da minha apresentação:

Docentes brasileiros nos desafios de formar humanos e as disputas no campo da educação em tempos de retrocesso

E finalizo dizendo que o que ensinar, o como ensinar só faz sentido no para quem e com qual projeto de mundo. Sendo assim, o desafio é entender que trabalhamos com humanos e com conhecimento. Entender os humanos em suas diferentes etapas da vida, entender sua multidimensionalidade e produzir na escola e pela escola um projeto comum de sociedade é que determina o que ensinar. Não se pode abrir mão da ciência, da arte e da filosofia e não se pode trabalhar com elas deslocado da sociedade que queremos.

Voltemos à Proposta Curricular do Município de Florianópolis, voltemos aos textos da Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina. Coletivamente nós já dissemos o que queremos, qual a justiça social intencionamos produzir via educação.

Mas ter escrito não assegura sua validade. É no cotidiano, é na luta perene que podemos manter o preceituado, nada está dado, ou pronto, ou seguro, portanto nosso maior desafio é saber que “é preciso estar atentos e fortes, não temos tempo de temer a morte”, como diz a canção popular.

É saber que os professores e as professoras não podem extinguir todas as mazelas do mundo. Seu poder reside em assegurar que todos e todas que estiverem com eles em exercício de educação escolar aprendam o que for importante para lhes permitir agir no mundo com consciência de si, do outro, da natureza, do tempo, do espaço e das relações econômicas e sociais.

Muito Obrigada!



VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA
Docência na sociedade multiteias

Muito obrigada!

jsiqueiradarocha@gmail.com

Realização

